

ENG.º AGRÓNOMO

FRANCISCO BELO DE MATOS PEREIRA ANTUNES, 1927 - 1987

Nascido em Mação a 20 de Outubro de 1927, Francisco Belo de Matos Pereira Antunes ingressa no ISA em 1945. Logo se torna conhecido pelas suas qualidades humanas que o impõem à consideração geral. Assim, iremos inserir alguns depoimentos de personalidades que mais de perto privaram com ele e, por isso, melhor do que nós poderão testemunhar o que foi na vida Francisco Antunes.

Do Prof. J. Pinto Ganhão (ISA) transcrevemos as seguintes impressões:

«Conheci-o como aluno e colega no ISA, mas o seu espírito extremamente jovial, irradiando simpatia e comunicando boa disposição a todos que com ele conviviam, tornaram-no indiscutivelmente uma das figuras mais populares no meio estudantil.

Prezando acima de tudo a Amizade, desde os colegas aos mais modestos funcionários, era dotado da maior modéstia e, não obstante ser bastante inteligente, não se preocupava grandemente em obter boas classificações, simbolizando o estudante folgazão, pleno de fino humor, mas incapaz de disfarçar a sua primorosa educação. Por outras palavras, o Chico Antunes era muito inteligente e espirituoso, amigo de todos e gozava da simpatia e admiração de quantos tiveram o privilégio de o conhecer.

Enfim, se todos tivessem o espírito e o carácter do Chico Antunes, sem dúvida que haveria maior fraternidade na Terra, onde Ele passou mas permanecerá bem vivo em todos os corações amigos.»

Ainda estudante, ocupa o lugar de Presidente da Câmara de Mação, entre 12 de Outubro de 1957 e 2 de Dezembro de 1959, concluindo poste-

riormente, em Julho de 1962, a licenciatura em Agronomia, com a apresentação do seu relatório final «Subsídio para o Estudo da Representação Económica do Pinheiro no Concelho de Mação».

Ingressa na Brigada Técnica da XIV Região Agrícola, em Beja, a 19 de Outubro de 1962, onde, durante cinco anos, exerce diversas funções quer de assistência técnica e formação, quer de experimentação, sobretudo nos âmbitos das Sanidade e Protecção Vegetal e das Viticultura e Arboricultura.

Em 1967 inicia funções na Direcção de Agricultura e Florestas (DAF) de Angola, Repartição do Cuanza Sul, cuja chefia vem a ocupar em Outubro de 1969. Desta fase da sua carreira destacam-se, entre outras, as acções desenvolvidas no fomento da cultura do algodão na região semiárida de Novo Redondo e Porto Amboim, que viria a envolver uma área de 10 000 hectares; no repovoamento florestal, com base no cajueiro, desta mesma região; no reordenamento rural e apoio às populações da povoação do Ebo e outras — acção que lhe viria a merecer louvor governamental —; no fomento das forragens subtropicais na Zona do Colonato da Cela, com a instalação dos grandes viveiros do Caçoço e introdução de leguminosas tropicais do género *Stylosanthes*. Frequenta ainda um curso de especialização sobre Defesa contra a Erosão e Conservação do Solo.

No final de 1971 é nomeado Chefe da Repartição Central de Conservação e Utilização do Solo, pelo que se transfere para Luanda. Responsável pela coordenação geral das acções de conservação do solo em todo o território angolano, vem também a realizar, a pedido do Governo Geral, uma missão na Lunda para solucionar problemas graves de erosão.

Em Junho de 1973 é colocado na Repartição da DAF em Benguela, que viria a chefiar a partir de Maio de 1974. Nesta fase da sua vida ninguém melhor do que José Domingos Lacerda Colaço, Gerente Geral da Tabasa, Tabacos S.A., poderá pronunciar-se:

«...Acreditamos sinceramente que a perda de um homem com a capacidade, a determinação e acima de tudo o entusiasmo pelo trabalho do Eng.º Francisco Antunes tornou mais pobre a comunidade técnica portuguesa que actua em Portugal ou no exterior.

Fui seu subordinado directo em Angola de 1973 a 1975, antes de vir residir no Brasil. Naquela oportunidade o Eng.º Antunes chefiava a Delegação dos Serviços de Agricultura e Florestas de Benguela (distrito com área aproximada de 30 000 km²).

Para além de todos os trabalhos inerentes ao seu cargo, de autoridade maior em Agricultura e Florestas no Distrito de Benguela, podemos

destacar dentro das inúmeras contribuições técnicas e que tiveram o seu cunho pessoal, as seguintes:

— introdução em larga escala de leguminosas forrageiras em consociação com pastagens nativas;

— criação, nas Regiões Agrícolas de Ganda e Cubal, de Campos de Multiplicação e Vulgarização Agrícola, com a finalidade principal de introduzir e de fornecer material de propagação para pastagens;

— utilização de pastagens na rotação da cultura do tabaco para controle de nemátodos;

— trabalhos de adaptação e divulgação da soja (bicolor), iniciando-se as culturas extensivas na Região do Cubal;

— recuperação de áreas junto ao Rio Cubal da Hanha para assentamento de agricultores nativos e desenvolvimento de assistência técnica integrada (serviços de topografia, parcelamento, mecanização agrícola, técnicas de condução de lavoura, rotações e assistência na comercialização);

— actuação em equipa em diversas áreas, como cultura do tabaco, reflorestamento, preservação de recursos naturais, cadastramento, fruticultura tropical, bovinicultura de leite e carne, etc.

Altamente qualificado como dirigente e como técnico, exercia espontaneamente uma forte liderança sobre os seus colegas e subordinados, demonstrando sempre a sua grandeza de carácter, o que o tornava admirado por todos que o conheciam ou que com ele trabalhavam.

Pessoalmente reconheço que a sua influência na minha vida profissional foi muito grande. Foi, sem dúvida, um dos maiores e melhores mestres que tive e hoje, como sempre o fiz, reconheço que se como Engenheiro Técnico Agrário consegui os objectivos a que me propuz na minha vida profissional, muito devo à memória desse grande chefe e amigo sincero que foi o Eng.º Francisco Belo de Matos Pereira Antunes.»

Em Junho de 1976 é destacado para a Brigada Técnica da XII Região Agrícola, Évora, onde se ocupa da assistência técnica aos agricultores no domínio das pastagens e forragens, sendo nomeado responsável desta área em 1978. Frequenta o Curso sobre Pastagens e Forragens, da feliz e oportuna iniciativa do Eng.º David Crespo, realizado na Estação Nacional de Melhoria de Plantas de Fevereiro de 1978 a Março de 1979, de que veio a resultar a constituição da SPPF, sendo seu sócio fundador (sócio número 4).

São de David Crespo as seguintes palavras a seu respeito:

«Foi o grande animador e entusiasta do Curso, com as suas intervenções oportunas, feitas sempre com aquela bonomia que o distinguiu, e a boa disposição que sabia criar, numa participação vivamente empenhada. Soube depois transmitir, como poucos, os conhecimentos adquiridos, e aplicá-los com critério e sentido prático, contribuindo de modo notável para a divulgação e desenvolvimento das pastagens e forragens.»

Em Setembro de 1979 é nomeado Chefe de Divisão, cargo em que viria a ser reconduzido três anos depois. Em 1981 é sucessivamente nomeado para a Comissão de Análise do Estudo da Mais-Valia Agrícola do Empreendimento do Alqueva, e responsável para a articulação e implementação do programa experimental do PCAA no âmbito das pastagens e forragens. Em 1982 é nomeado Coordenador, a nível regional, do programa de Pastagens e Forragens no âmbito do Plano de Mudança da Agricultura. Em 1983 integra o grupo de trabalho da FAO para o estudo das funções e serviços ligados à Extensão, ao Crédito, ao Planeamento, aos Projectos de Desenvolvimento e às Actividades Técnicas nos âmbitos da Produção e dos seus apoios.

Em 1986, cessa funções de Chefe de Divisão, passando à Direcção de Serviços de Experimentação e Fomento da Produção Agro-Pecuária com atribuições no domínio das pastagens e forragens, e em 1987 é nomeado para representar a Direcção Regional de Agricultura do Alentejo num estudo sobre as necessidades de investigação e desenvolvimento, a curto e longo prazos, do Alentejo.

Diluídas no tempo, mas não menos relevantes, foram as suas actividades de orientação de estagiários e apoio técnico a agricultores, nomeadamente no domínio das pastagens e forragens, matéria em que regularmente lhe foram solicitados pareceres relativos a projectos de investimento.

Aqui entendemos referir o que a seu respeito escreveram o colega João J. da Silva Parreira e o Eng.º Téc. Agrário J. Firmo, ambos da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo.

«...Devo afirmar, em primeiro lugar, que o defino como uma pessoa verdadeiramente humana, e de que ninguém é capaz de afirmar que ele não era seu amigo.

A sua forte personalidade humana e riqueza de espírito permitia-lhe estabelecer facilmente relacionamento de amizade entre as pessoas.

Profissionalmente acompanhei a sua carreira desde 1977, pois dedicava-se a estudos na área das pastagens. Durante este período realizámos

não só cursos de formação, como elaborámos trabalhos em conjunto: Plano de Mudança da Agricultura — Pastagens e Forragens — para a área da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo.

No campo profissional pode considerar-se um técnico com formação de rara intuição prática, da qual todos aqueles que o contactaram, agricultores e técnicos, muito beneficiaram, dignificando sempre os Serviços onde trabalhou.

A sua conduta humana e técnica baseada na humildade, sem nunca pedir aplausos, é um exemplo a seguir por todos.»

«...Foi de facto em vida um HOMEM, bom, afável, simpático, simples, humilde, educado, honesto, culto.

Não terá sido um extraordinário chefe no aspecto burocrático e de coordenação, mas foi sem qualquer espécie ou ténue dúvida um amigo, um companheiro, um professor.

Tinha grandes, diversificados e profundos conhecimentos técnicos agrícolas, fundamentalmente na área das pastagens e das forragens, e também noutros campos, da ciência à literatura.»

Na VIII Reunião de Primavera da SPPF é designado representante da DRAA e, nessa qualidade, deu-nos uma última e brilhante lição sobre a história e o futuro da produção pratense e forrageira regional e nacional.

Depois de termos focado mais particularmente o profissional consciente, honesto e sabedor, não poderíamos deixar de referir, de um modo muito especial, a riqueza humana de quem em vida só conhecia amigos entre os que tiveram o privilégio de privar com ele. A sua grandeza de alma transbordava de simpatia, fácil comunicação e amizade. Hábil conversador, possuidor de uma vasta cultura geral, ouvi-lo era um encanto. Calmo e sereno, sempre amável e jovial, de fino trato, irradiava naturalmente à sua volta um ambiente de contagiante alegria e boa disposição.

A todos tratava por igual, sabendo, por isso, conquistar as maiores simpatias à sua volta. Nunca o vimos mal disposto! O sorriso iluminava-lhe constantemente o rosto. O Chico Antunes tinha sempre o dito xistoso e espontâneo, ou a anedota apropriada às circunstâncias, pronto a desanuviar ambientes pesados e a animar situações menos confiantes entre os amigos.

Sabemos que esta modesta homenagem tem várias lacunas de informação, nomeadamente no que se refere ao «curriculum vitae», já que, dada a impossibilidade de encontrar alguém que tivesse acompanhado a par e passo a riquíssima carreira de Francisco Antunes, tivemos que lançar mão dos dados curriculares que o próprio apresentou em Julho de 1987. Ainda assim, optámos pelo risco da crítica à nossa insuficiência em detrimento da culpa de um silêncio, que seria indefensável, de quem conheceu a Sua dedicação à SPPF e recebeu o Seu exemplo e a Sua amizade. Até porque a descrição dos referidos dados curriculares apresentados reflecte, em si mesma, o humanismo natural de Francisco Antunes, de que a actividade profissional era apenas uma das muitas formas de expressão.

A Comissão de Redacção